VIRTUALBOOKS

CONTOS DE

Hans Cristhian Andersen

Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O ROUXINOL

Hans Christian Andersen

Contos de Hans Christian Andersen

Hans Christian Andersen nasceu em Odensae, em 2 de abril de 1805, e faleceu em Conpenhague em 1875. Autor de inúmeros contos infanto-juvenis, traduzido por todo o mundo. Considerado por muitos com o pai da Literatura Infanto-Juvenil. Temos aqui uma seleção de seus melhores contos.

O ROUXINOL

COMO todos sabem, na China o Imperador é chinês, assim como são chineses todos aqueles que o rodei-am. Passaram-se muitos anos desde que aconteceu o que vou lhes contar, mas esta é mais uma razão para narrar a estória, a fim de que não seja esquecida.

0 palácio do Imperador era considerado a coisa mais bela do mundo inteiro; era todo feito com a porcelana mais fina, mais cara, mas ao mesmo tempo tão frágil, que só se poderia tocá-la com o maior cuidado.

No jardim existiam as flores mais extraordinárias; as mais bonitas tinham campainhas de prata presas nela, as quais repicavam continuamente, de maneira que era impossível passar por perto das flores sem fitá-las.

Até os mínimos detalhes do jardim tinham sido dispostos com e, que o muita habilidade e ele era tão grande próprio jardineiro não sabia onde ele terminava.

Depois de muito caminhar pelo jardim, chegava-se a um grande bosque, onde havia árvores majestosas e lagos profundos. 0 bosque se estendia ate o mar, que era azul e profundo, permitindo que os barcos navegassem próximo à margem, por debaixo das árvores.

No meio destas vivia um rouxinol que cantava de maneira tão deliciosa, que até os pobres pescadores, ocupados em outras tantas coisas, se detinham para ouvi-lo, quando, à noite, cuidavam de suas redes repletas de peixe.

- Céus! Que coisa tão linda! - exclamavam.

Mas logo tinham que voltar ao trabalho e acabavam se esquecendo novamente do passarinho. E quando na noite seguinte o ouviam outra vez, soltavam a mesma exclamação.

Os viajantes que chegavam à corte do Imperador, vindos de todos os países do mundo, admiravam tudo

maravilhados, especialmente o palácio e os jardins, mas quando ouviam o rouxinol, diziam:

- Isto é o melhor de tudo quanto vimos e ouvimos.

Ao chegarem aos seus países descreviam tudo. Os mais instruídos escreviam muitos livros a respeito da capital, do palácio e do jardim, mas ninguém se esquecia do rouxinol, que sempre colocavam acima do restante.

Os viajantes, que eram poetas, escreviam os mais lindos poemas, todos a respeito do rouxinol que habitava no bosque que ficava ao lado do mar profundo.

Esses livros se espalharam pelo mundo inteiro e, depois de algum tempo, chegaram até o Imperador. Este sentou-se em seu trono de ouro e lia muito, inclinando a cabeça, entretido e feliz em ler todas aquelas maravilhosas descrições da sua capital, do palácio e do jardim. “Mas o rouxinol é o melhor de todos”, leu ele.

- Que significa isso? - inquiriu o Imperador, - 0 rouxinol? Não conheço nada a respeito dele. Existe um tal pássaro em meu reino e eu nunca ouvi falar nele. E’ extraordinário que eu me tenha inteirado a respeito por meio de um livro.

Chamou imediatamente o primeiro mordomo, um personagem tão importante, que quando um inferior queria falar com ele e lhe fazia uma pergunta, ele se limitava a responder “P”, o que não significava nada

em absoluto.

Dizem que aqui existe um pássaro maravilhoso, chamado rouxinol; - e garantem que é o que de melhor existe em todo o meu reino. Como se explica que eu nunca tenha ouvido falar nele?

- Também nunca ouvi falar - respondeu o primeiro mordomo; - nunca foi apresentado na corte.

- Desejo que seja trazido para cá esta mesma noite, para que cante na minha presença - disse o Imperador.

- Todos sabem que possuo esse pássaro, e eu, em troca, não sei de nada sobre ele.

- Nunca ouvi falar nele - respondeu o primeiro mordomo

-. Mas vou procurá-lo e o encontrarei.
Todavia, onde poderia encontrar-se? 0 mordomo começou a subir e a descer escadas, a entrar e sair de habitações e a caminhar por corredores e ruas. Ninguém ouvira falar no rouxinol.

Em vista disso, o mordomo apresentou-se novamente ao Imperador, para dizer-lhe que aquilo devia ser um mito, inventado pelos autores dos livros.

- Vossa Majestade imperial não deve acreditar em tudo o que se escreve; geralmente os livros não passam de invenções, quando não pertencem ao que denominamos de magia negra.

- Mas o livro que li me foi enviado pelo poderoso Imperador do Japão, de forma que não pode mentir. Quero ouvir esse rouxinol e insisto em que seja trazido para cá esta mesma noite. Dar-lhe-ei a minha graciosa proteção e se ele não estiver aqui esta noite, depois do jantar, mandarei chicotear todos os indivíduos da corte.

- Tsing-pe! - exclamou o enfático mordomo.

E novamente percorreu toda a cidade, examinando casas e ruas e caminhando para lá e para cá; quase a metade dos cortesãos o acompanhava, porque nenhum gostava da idéia de ser açoitado.

Fizeram muitas perguntas a respeito do rouxinol, conhecido por todas as pessoas que moravam fora do palácio, mas que na corte ninguém conhecia. Finalmente, na cozinha, encontraram uma pobre menina, que, ao ser interrogada, respondeu.

- Oh! 0 rouxinol? Conheço-o muito bem. Sim, é verdade que canta maravilhosamente bem. Todas as noites me permitem que leve um pouco da carne que sobra à minha ame, que está enferma. Ela vive a pouca distância da praia.

E, ao regressar, quando estou muito cansada, descanso um pouco no bosque e então posso ouvir o rouxinol. Seu canto faz virem as lágrimas aos meus olhos e tenho a impressão de que minha mãe me beija.

- Pequena ajudante de cozinha disse o primeiro mordomo, - obterei para você um emprego permanente na cozinha e lhe darei permissão para que vá cear com o Imperador, se nos levar até onde se encontra o rouxinol. Ele tem ordens de se apresentar esta noite na corte.

Dirigiram-se todos para o bosque, na direção do lugar onde o rouxinol costumava cantar. Quase a metade dos cortesãos tomava parte na excursão. E, enquanto andavam com toda a pressa possível, uma vaca começou a mugir.

- Oh! - exclamou um jovem cortesão. Aqui o temos! Que voz tão poderosa para um animal tão pequeno! Mas eu já a ouvi.

- Não, isso é uma vaca que muge. Ainda estamos longe do lugar em que canta o rouxinol, - respondeu a menina.

Então algumas rãs começaram a coaxar.

- E' muito lindo! - exclamou o capelão chinês. - Parece-se com o toque do campanário da igreja.

- Não, essas são as rãs - replicou a menina- - Mas me parece que não tardaremos a ouvi-lo.

Então o rouxinol começou a cantar.

- Aí está! - disse a menina. - Ouçam!

E apontou para um pássaro cinzento que estava pousado num galho.

- Será possível? - exclamou o primeiro mordomo. - Nunca o teria imaginado assim. Que aspecto vulgar! Talvez, ao ver tanta gente distinta, esteja assustado e tenha perdido as suas lindas cores.

- Pequeno rouxinol - disse a menina em voz alta, - nosso gracioso Imperador deseja ouvi-lo cantar.

- Com muito prazer - replicou o rouxinol, gorjeando de modo delicioso.

- Parece o tilintar de umas campainhas de cristal - observou o primeiro mordomo. - Vejam como se move ao cantar. E' estranho que até agora não tenhamos ouvido falar nele. Estou certo de que alcançará um êxito estrondoso na corte.

- Quereis que cante novamente para o Imperador? - perguntou o rouxinol, pensando que este se achava entre os presentes.

- Meu gracioso e pequeno rouxinol - disse o primeiro mordomo, - tenho a honra de ordenar-lhe que compareça esta noite na corte, a fim de tomar parte na festa que foi preparada para que você, com seu canto fascinante, maravilhe a sua graciosa majestade o Imperador.

Meu canto soa melhor entre as árvores - replicou o rouxinol.

De qualquer forma, acompanhou-os de boa vontade ao inteirar-se dos desejos do Imperador.

O palácio fora extraordinariamente iluminado em atenção à festa. As paredes e os assoalhos, que eram de porcelana, brilhavam à luz de muitos milhares de lâmpadas de ouro.

As mais lindas flores, todas com suas campainhas, estavam artisticamente dispostas nas passagens; havia um grande movimento de servidores e convidados de um lado para outro e uma forte corrente de ar, cuja finalidade era fazer soar as campainhas, de maneira a que todos os ouvidos se enchessem com seu som harmonioso.

No centro da grande sala de recepção sentava-se o Imperador e fora colocado um poleiro de ouro, para que nele se acomodasse o rouxinol.

Toda a corte ali estava reunida e a pequena ajudante de cozinha teve permissão para ficar atrás de uma porta, pois estava vestida de cozinheira.

Todos vestiam seus melhores trajes de gala e os olhos dos convidados fitavam o pequeno pássaro cinzento, saudando o Imperador com uma inclinação de cabeça.

O rouxinol cantava de um modo delicioso; as lágrimas assomaram aos olhos do Imperador e começaram a rolar.

Então o rouxinol cantou de uma maneira ainda mais bela e harmoniosa e as notas de seu canto comoveram todos os corações.

O Imperador estava encantado e disse que o rouxinol receberia o sapinho de ouro, para que o levasse em torno do pescoço.

Mas o rouxinol agradeceu a distinção recusando-se e dizendo já se considerar suficientemente recompensado.

E cantou novamente de maneira celestial.

- Foi o canto mais maravilhoso que já ouvi em toda a minha vida - diziam as damas e todos os cortesãos.

E algumas delas encheram a boca com água, tentando imitar os gorjeios do passarinho, quando alguém lhes fazia uma pergunta.

Até os lacaios e os camaristas do Imperador deram a entender que estavam muito satisfeitos, o que é muito importante, porque são pessoas difíceis de contentar. Sim, realmente o rouxinol obtivera um ruidoso sucesso.

Dai por diante deveria viver no palácio, teria uma gaiola, assim como a devida liberdade para dar seus passeios tanto durante o dia quanto à noite.

Era sempre seguido por doze lacaios, cada um dos quais segurava uma fita que estava atada ao seu

pezinho. Pode-se perceber que esses passeios não tinham nada de agradável.

Todos os habitantes da capital falavam no pássaro maravilhoso e quando duas pessoas se encontravam, uma dizia à outra:

- Rou...

E a outra respondia:
- . . . xinol.

E suspiravam, entendendo-se muito bem. Onze filhos de outros tantos vendedores de queijo receberam o nome de Rouxinol, mas nenhum deles possuía a voz maviosa do pássaro.

Um dia chegou às mãos do Imperador um grande embrulho. Dentro estava escrito: "Rouxinol".

- Aqui temos outro livro a respeito deste celebrado pássaro - disse o Imperador.

Mas não era um livro, mas uma pequena obra de arte numa caixa, um rouxinol artificial, exatamente igual ao vivo, mas recoberto de diamantes, rubis e safiras.

E quando se deu corda ao pássaro mecânico, este cantou uma ou duas canções iguais às que eram entoadas pelo rouxinol verdadeiro; ao mesmo tempo agitava a cauda, que resplandecia por ser de prata e ouro. Em volta do pescoço levava uma fita, na qual estava escrito:

O rouxinol do Imperador do Japão é muito pobre, em comparação com o do Imperador da China.

- Que lindo! - exclamavam todos extasiados.

Quanto à pessoa que levara o pássaro à corte recebeu o título de "Introdutor em Chefe dos Rouxinóis Imperiais".

- Agora será preciso que cantem juntos. Será um duo maravilhoso.

Realmente, fizeram-nos cantar juntos, mas o resultado não poderia ser pior. Cada um dos rouxinóis cantava por sua conta, isto é, o verdadeiro criava a todo instante novas harmonias, enquanto que o outro só repetia as duas únicas canções que podia entoar e que eram em tempo de valsa.

- Este não tem culpa alguma - observou o mestre de música da corte; - canta perfeitamente no compasso e respeita todas as regras musicais.

Logo depois o pássaro artificial teve que cantar sozinho. Alcançou tanto êxito quanto o verdadeiro e ainda tinha a vantagem de ser mais bonito, pois resplandecia de modo extraordinário.

Cantou a mesma canção trinta e três vezes e não se cansou. Todos o ouviram desde o começo, até que o Imperador declarou ter chegado a vez do rouxinol verdadeiro.

Mas, onde estava ele? Ninguém reparara quando ele saíra pela janela aberta em direção ao bosque.

- Que significa isso? - perguntou o Imperador.
Todos os cortesãos se manifestaram escandalizados e declararam ser o pássaro muito ingrato.

- De qualquer forma, ficamos com o melhor - disseram todos.

E o rouxinol artificial teve de cantar novamente e, embora fosse a trigésima quarta vez, ninguém aprendera a melodia, pois esta era realmente difícil.

0 mestre de música louvou extraordinariamente o rouxinol artificial e insistiu em dizer que era melhor que o verdadeiro, não só em seu aspecto exterior, por causa das pedras e dos metais preciosos, como também por dentro.

- Porque devem levar em conta, senhoras e senhores, e, antes de todos o Imperador, que com o verdadeiro rouxinol jamais se sabe o que vai ouvir, ao passo que com o artificial isso está de antemão decidido.

Assim é e assim será, porque não pode ser de outra maneira. Aqui se podem explicar as coisas, é possível abrir o pássaro e demonstrar o engenho humano ao dispor as valsas; pode-se ver como funciona o engenho e de que maneira uma nota se segue à outra.

- Essa é exatamente a nossa opinião responderam todos em coro.

O mestre de música teve licença para mostrar a todo mundo, no domingo seguinte, o pássaro maravilhoso. Também, na opinião do Imperador, poderiam ouvi-lo cantar. Realmente, todos o viram e ouviram e todos se entusiasmaram, como se estivessem embriagados de chá, pois todos sabem que esse é o costume chinês.

Exclamaram admirados, apontaram-no com o dedo e inclinaram as cabeças. Mas os pobres pescadores que ouviram o verdadeiro rouxinol, disseram:

- Este canta muito bem e se parece extremamente com o verdadeiro, mas falta-lhe algo, embora não saibamos o que seja.

E o verdadeiro rouxinol foi desterrado do reino.

O pássaro artificial tinha para seu uso uma almofada de seda, junto à cama do Imperador; todos os presentes de ouro e pedras preciosas que recebera estavam espalhados em sua volta.

Recebera o título de Cantor Imperial em Chefe do Dormitório com lugar de primeira classe à esquerda; porque o Imperador afirmava que o lado preferido era o do coração.

E todos sabem que os Imperadores , como todos, possuem o coração do lado esquerdo.

O mestre de música escreveu vinte e cinco volumes

acerca do pássaro artificial; o tratado era muito extenso e estava escrito nos caracteres chineses mais difíceis.

Todos afirmavam terem lido e entendido a obra, porque, se assim não fosse, seriam considerados estúpidos, e em tal caso, teriam seus corpos açoitados.

E tudo continuou assim durante o espaço de um ano. O Imperador, a corte e todos os demais chineses conheciam perfeitamente os trinados e gorjeios do pássaro artificial; todavia, justamente por isso eles gostavam ainda mais, porque podiam acompanhá-lo em seu canto.

E até as crianças na rua cantavam "zizizi" e "chichichi". O próprio Imperador, sem se dar conta, fazia o mesmo que os demais.

Uma noite, porém, quando o rouxinol estava cantando cada vez melhor e o Imperador, estendido na cama o ouvia, algo no interior do pássaro produziu um chiado. Uma das molas saltou e todas as rodas do mecanismo pararam em seco.

O Imperador levantou-se de um salto e mandou buscar todos os seus médicos particulares, mas, que podiam eles fazer?

Chamaram um relojoeiro, o qual, depois de muito falar e examinar, conseguiu reparar a avaria, recolocando todas as peças do mecanismo em seu devido lugar; no entanto, avisou que, daí por diante, seria preciso

abster-se o mais possível de fazer o mecanismo funcionar, porque estava muito gasto e não se poderia renovar algumas peças sem alterar o canto do pássaro.

Esse foi um golpe terrível! Só se atreviam a fazer o rouxinol cantar uma vez por ano e assim mesmo tinham medo de fazê-lo.

Mas o mestre de música fez um pequeno discurso, usando as palavras mais difíceis que encontrou. E disse que o pássaro continuava tão bom como sempre e todos acreditaram.

Passaram-se cinco anos e, de repente, um grande pesar caiu sobre a nação inteira, pois todos gostavam muito do seu Imperador e este estava muito doente e não poderia sobreviver, conforme o que diziam os médicos. Elegeu-se um novo Imperador e o povo aglomerou-se nas ruas.

E ao ver aparecer o primeiro mordomo, alguns lhe perguntaram sobre o estado de saúde do monarca.

- P - respondeu tristemente, balançando a cabeça.

0 Imperador jazia pálido e frio em seu magnífico leito. Os cortesãos pensaram que ele morrera e foram todos oferecer seus respeitos ao novo Imperador. Os lacaios andavam de um lado para o outro atarefados e as camareiras celebraram o acontecimento reunindo-se para tomar café.

Colocaram no chão longos pedaços de passadeira, com o fim de amortecer os ruídos, de maneira que no palácio reinava um silêncio absoluto.

Mas o Imperador ainda não morrera. Estava estendido, enfraquecido e pálido, na sua cama luxuosa incrustada de ouro. Sobre ela havia uma janela aberta e os raios da lua vieram iluminar o Imperador e o rouxinol artificial que estava ao seu lado.

E o pobre Imperador apenas podia respirar; parecia-lhe carregar um peso no peito. Abriu os olhos e viu que a Morte estava sentada em cima dele e que usava a sua coroa de ouro.

Com uma das mãos empunhava a espada dourada do Imperador e com a outra sustentava o estandarte imperial.

Em volta do leito e por entre as cortinas de tecido precioso muitos rostos curiosos o fitavam, alguns horríveis e outros amáveis e aprazíveis. Eram as ações boas e más do Imperador, que, no momento em que a morte queria levá-lo, fitavam-no cara a cara.

- Lembra-se disto? - murmuravam uma atrás da outra.

- Recorda-se daquilo?

E lhe diziam tantas e tais coisas, que o rosto do enfermo se enchia de suor.

- Nunca soube disso - replicava o Imperador. - Música!

Música! Que soem os grandes tambores chineses! - exclamou. - Assim não ouvirei o que dizem. Mas aqueles rostos continuaram falando e a Morte às vezes baixava a cabeça, exatamente como fazem os chineses para confirmar o que lhe dizem.

- Música! Música! - repetiu o Imperador. - Você, precioso rouxinol de ouro, cante, cante! Enchi-o de pedras preciosas e fiz com que levasse ao pescoço o meu sapatinho de ouro.

Ordeno-lhe, pois, que cante, a fim de levar-lhe ânimo, consolo e esperança. E, à medida que ia cantando, empalideciam e desapareciam por momentos os rostos que rodeavam o leito do Imperador; o sangue circulava com mais vigor no corpo deste, reanimando-o e dando maior movimento aos seus membros.

E até a Morte, ouvindo enlevada a canção, disse:

- Continue, pequeno cantor. Continue.

Mas o pássaro continuou silencioso, pois não havia ninguém que lhe desse corda, e, como era natural, não podia cantar.

A Morte continuava fitando o moribundo com o vazio de seus olhos e tudo o mais no palácio estava silencioso, terrivelmente silencioso.

Subitamente, a curta distância da janela, ouviu-se um formosa canto; era o rouxinol vivo, que pousara no ramo de uma árvore que crescia em frente à janela.

Soubera do estado e do desejo do Imperador e acudira imediata-

- Continuarei se me der essa magnífica espada; continuarei cantando se você me entregar o estandarte imperial e, finalmente, a coroa do imperador.

A Morte entregou essas três coisas em troca de uma canção e o rouxinol continuou emitindo as suas maviosas notas.

Cantou acerca do aprazível cemitério quando as rosas florescem, onde as já desabrochadas perfumam o ambiente e onde a fresca erva sempre se vá vivificada pelas lágrimas dos que choram pelos mortos.

A canção inspirou na Morte o desejo de ver novamente o seu próprio jardim e como névoa cinzenta e ameaçadora, saiu voando pela janela.

- Obrigado, oh, muito obrigado! exclamou o Imperador.

- Eu o conheço, passarinho celestial! Desterrei-o de meu império, e, no entanto, você veio afastar de meu leito a Morte e as sinistras visões e com suas canções conseguiu afastar também a Morte que reinava em meu coração. Como poderei recompensá-lo?

- Já me recompensastes - respondeu o rouxinol. - Fiz que viessem lágrimas aos vossos olhos e nunca o esquecerei. Estas são as pedras preciosas que alegram o coração de um artista. Agora dormi para que

desperteis são e forte. Enquanto isso, eu cantarei.

Realmente, começou a cantar, ao passo que o Imperador se entregava a um sono reparador.

E o sol brilhava na janela quando ele despertou, refeito de todo. Nenhum de seus servidores estava ao seu lado, pois todos já o acreditavam morto, mas o rouxinol. continuava cantando.

- De hoje em diante você sempre ficará ao meu lado - disse o Imperador- - Cantará somente quando quiser e eu quebrarei em mil pedaços o rouxinol artificial.

- Não faça tal coisa - disse o rouxinol. - Esse pássaro artificial fez tudo o que lhe era possível. Guardai-o pois, tal como está agora. Não posso fazer meu ninho nem viver neste palácio, porém, permita que eu venha quando me parecer melhor e então eu pousarei neste ramo e cantarei para vós.

E cantarei também para fazê-lo refletir; cantarei sobre os que são felizes e os que sofrem; cantarei sobre o bem e o mal, que estão ocultos aos vossos olhos. Os pássaros como eu voam por todo lado, até a morada do camponês e a do pescador e mesmo daqueles que moram muito longe de vossa corte.

Prefiro vosso coração a esta coroa, embora também haja em volta desta uma aura de santidade. Voltarei sempre e cantarei para vós. Mas antes é preciso que me prometais uma coisa.

- Tudo o que você quiser! - replicou o Imperador, que já estava vestido com seu traje imperial e que empunhava em frente ao coração a espada imperial de ouro, adornada de pedras preciosas.

- Só vos peço uma coisa. Não digais a ninguém que tendes um passarinho que vos conta tudo. Será muito melhor assim.

E dizendo isso, o rouxinol foi embora voando. Os cortesãos e os criados acorreram a ver o Imperador, que já supunham morto e encontraram-no de pé, dando-lhes as boas vindas.

FIM